

"ESTÃO MUDANDO NOSSA RELIGIÃO"



"Preciso dissipar logo de início um mal-entendido, de maneira a não ter mais que retornar ao assunto: eu não sou um chefe de movimento, muito menos o chefe de uma Igreja particular. Não sou, como não cessam de escrever, "o chefe dos tradicionalistas".

Chegou-se a qualificar certas pessoas de "lefevristas" como se se tratasse de um partido ou de uma escola. É um abuso de linguagem.

Não tenho doutrina pessoal em matéria religiosa. Eu me ative toda a minha vida ao que me foi ensinado nos bancos do seminário francês de Roma, a saber, a doutrina católica segundo a transmissão que dela fez o magistério de século em século, desde a morte do último apóstolo, que marca o fim da Revelação.

Não deveria haver nisso um alimento próprio a satisfazer o apetite do sensacional que experimentam os jornalistas e através deles a opinião pública atual. No entanto, toda a França ficou em alvoroço no dia 29 de agosto de 1976 ao saber que eu ia rezar missa em Lille. Que haveria de extraordinário no fato de um bispo celebrar o Santo Sacrifício? Tive de pregar diante de uma platéia de microfones e cada um de meus ditos era saudado como uma declaração retumbante. Mas que dizia eu a mais do que poderia dizer qualquer outro bispo? Ah, eis aí a chave do enigma: os outros bispos, desde um certo número de anos, não diziam mais as mesmas coisas. Ouviste-os freqüentemente falar do reinado social de Nosso Senhor Jesus Cristo, por exemplo?

Minha aventura pessoal não cessa de me surpreender: estes bispos, na sua maioria, foram meus condiscípulos em Roma, formados do mesmo modo. E eis que repentinamente eu me encontrava inteiramente só. Eles tinham mudado,

renunciavam ao que tinham aprendido. Eu, que nada tinha inventado, continuava o mesmo. O cardeal Garrone chegou a dizer-me num dia: "Enganaram-nos, no seminário francês de Roma." Enganaram-nos em quê? Não havia ele, antes do concílio, feito as crianças de seu catecismo recitar milhares de vezes, o ato de fé: "Meu Deus, eu creio firmemente em todas as verdades que revelastes e que nos ensinais por meio de Vossa Igreja, porque Vós não podeis nem Vos enganar nem nos enganar"?

Como todos estes bispos puderam metamorfosear-se desta maneira? Vejo uma explicação no seguinte: eles permaneceram na França, deixaram-se infectar lentamente. Na África eu estava protegido. Regressei justamente no ano do concílio; o mal já estava feito. O Vaticano II não fez mais do que abrir as comportas que retinham a onda destruidora.

Num abrir e fechar de olhos, antes mesmo do encerramento da quarta sessão, sucedia a derrocada. Tudo ou quase tudo ia ser levado de roldão e, para começar, a prece.

O cristão, que tem o sentido e o respeito de Deus, fica chocado pela maneira como o fazem rezar hoje em dia. Qualificaram-se de "repetições enfadonhas" as fórmulas aprendidas de cor, não mais as ensinam às crianças, elas não figuram nos catecismos, à exceção do Padre-Nosso, numa nova versão de inspiração protestante que obriga ao tratamento por tu. Tratar a Deus por tu de um modo sistemático não é sinal de uma grande reverência e não salienta o gênio de nossa língua que nos oferece um tratamento diferente, conforme nos dirigimos a um superior, a um parente, a um companheiro. Neste mesmo Padre-Nosso pós-conciliar, pede-se a Deus que não nos "submeta à tentação", expressão pelo menos equívoca, ao passo que nossa tradução francesa tradicional constitui um aperfeiçoamento em relação à fórmula latina calcada bastante e inabilmente no hebraico. Que progresso houve aí? O tratamento por tu invadiu o conjunto da liturgia vernácula; o novo missal dos domingos o emprega dum modo exclusivo e obrigatório, sem que se vejam as razões de uma tal mudança tão contrária aos costumes e à cultura franceses. Fizeram-se testes nas escolas católicas com crianças de doze e treze anos. Só alguns sabiam de cor o Padre-Nosso, em francês, naturalmente, outros poucos a sua Ave Maria. Com cerca de uma ou duas exceções, estas crianças ignoravam o Símbolo dos Apóstolos, o "Eu pecador", os atos de fé, de esperança, de caridade e de contrição, o "Angelus", o "Lembraí-vos"... Como conheceriam tudo isto, uma vez que a maior parte nem mesmo jamais ouviu falar deles? A oração deve ser "espontânea"; é preciso falar a Deus sem preparação, diz-se agora, e se desdenha a maravilhosa pedagogia da Igreja que cinzelou todas estas preces às quais os maiores santos

recorreram.

Quem encoraja ainda os cristãos a fazer a oração da manhã e da noite em família, a recitar o "Benedicite" e as "Graças"? Soube que em numerosas escolas católicas não se quer mais rezar no início das aulas tomando como pretexto que existem alunos não crentes ou pertencentes a outras religiões e que não se deve chocar sua consciência nem ostentar sentimentos triunfalistas. Dão-se congratulações por acolher nestas escolas uma grande maioria de não-católicos e mesmo de não-cristãos e por nada fazer para conduzi-los a Deus. Os alunos católicos, estes, devem ocultar sua fé sob o pretexto de respeitar as opiniões de seus colegas.

A genuflexão não é mais praticada a não ser por um número restrito de fiéis; foi substituída por uma inclinação de cabeça ou, às mais das vezes, por absolutamente nada. Entra-se numa igreja e senta-se. A mobília foi trocada, os genuflexórios transformados em lenha, em muitos lugares se colocaram poltronas idênticas às das salas de espetáculo, o que permite de resto, instalar mais confortavelmente o público, enquanto que as igrejas são utilizadas para concertos. Citou-se-me o caso duma capela do Santíssimo Sacramento, numa grande paróquia parisiense, onde um certo número de pessoas, que trabalhavam nos arredores, vinha fazer uma visita na hora do almoço. Um dia ela foi fechada por causa de trabalhos; quando reabriu suas portas, os genuflexórios tinham desaparecido, sobre uma moqueta confortável haviam disposto bancos estofados e muito fofos de um preço certamente elevado e comparáveis aos que se podem encontrar no vestíbulo das grandes sociedades ou das companhias aéreas. O comportamento dos fiéis mudou logo; uns se punham de joelhos sobre a moqueta, mas a maior parte se instalava comodamente e meditava de pernas cruzadas diante do tabernáculo. Havia certamente no espírito do clero desta paróquia uma intenção; não se fazem arranjos custosos sem refletir no que se pratica. Verifica-se uma vontade de modificar as relações do homem com Deus no sentido da familiaridade, da desenvoltura, como se se tratasse com Ele de igual para igual. Como se persuadir, se se suprimem os gestos que materializam a "virtude de religião", de que se está na presença do Criador e do Soberano Senhor de todas as coisas? Não se corre também o risco de diminuir o sentimento de Sua Presença real no tabernáculo?

Os católicos estão outrossim desorientados pela idéia preconcebida de banalidade e mesmo de vulgaridade que se lhes impõe nos lugares de culto, dum modo sistemático. Taxou-se de triunfalismo tudo o que concorria para a beleza dos edifícios e para o esplendor das cerimônias. A decoração deve aproximar-se do cenário quotidiano, do "vivido". Nos séculos de fé se oferecia a Deus o que se possuía de mais precioso; é na igreja da vila que se podia ver o que justamente não

pertencia ao universo quotidiano: peças de ourivesaria, obras de arte, tecidos finos, rendas, bordados, estátuas da Santíssima Virgem coroada de jóias. Os cristãos faziam sacrifícios financeiros para honrar o Altíssimo com o que tinham de melhor. Tudo isto concorria para a oração, ajudava a alma a elevar-se; é um proceder natural ao homem: quando os reis magos se dirigiram ao pobre presépio de Belém, eles levaram ouro, mirra e incenso. Brutalizam-se os católicos fazendo-os rezar numa ambiência trivial, em "salas polivalentes" que não se distinguem de nenhum outro lugar público, ficando às vezes mesmo aquém deste. Aqui e ali, abandona-se uma magnífica igreja gótica ou românica para construir ao lado uma espécie de hangar despojado e triste, ou então se organizam "eucaristias domésticas" em salas de refeição e até em cozinhas. Falou-se-me de uma destas, celebrada na residência de um defunto na presença de sua família e de seus amigos; após a cerimônia, tirou-se o cálice e, sobre a mesma mesa, coberta com a mesma toalha, se preparou uma refeição. Durante este tempo, a algumas centenas de metros, os pássaros estavam sós a cantar os louvores do Senhor, em torno da igreja do século XIII ornada de vitrais magníficos. Aqueles dentre vós, leitores, que conheceram o anteguerra, se recordam certamente do fervor das procissões de Corpus-Christi, com os múltiplos altares, os cantos, os turíbulos, o ostensório resplandecente levado pelo sacerdote à luz do sol, debaixo do pálido bordado a ouro, os estandartes, as flores, as campainhas. O sentido de adoração nascia na alma das crianças e nela se incrustava para toda a vida. Este aspecto primordial da oração parece muito negligenciado. Falar-se-á ainda da evolução necessária, dos novos hábitos de vida? Os embaraços do trânsito de veículos não impedem as manifestações de rua, os que delas participam não experimentam nenhum respeito humano para exprimir suas opiniões políticas ou suas reivindicações justas ou não. Por que somente Deus seria posto de lado? Por quê apenas os cristãos deveriam abster-se de render-Lhe o culto público que Lhe é devido?

O desaparecimento quase total na França das procissões não tem por origem uma desafeição dos fiéis. Ele foi prescrito pela nova pastoral que, não obstante, avança sem cessar a pesquisa duma "participação ativa do Povo de Deus". Em 1969 um pároco de Oise era destituído por seu bispo depois de ter recebido a proibição de organizar a procissão tradicional de Corpus Christi; mesmo assim a procissão se realizou e atraiu duas vezes mais pessoas do que a vila possuía de habitantes. Dir-se-á que a nova pastoral, aliás em contradição neste ponto, com a Constituição conciliar sobre a Santa Liturgia, se afina com as aspirações profundas dos cristãos que se mantêm apegados a tais formas de piedade?

Em troca, o que se lhes propõe? Pouca coisa, pois o serviço do culto se reduziu rapidamente. Os padres não celebram mais o Santo Sacrifício todos os dias, e concelebram o resto do tempo, o número das missas diminuiu em grandes proporções. No campo é praticamente impossível assistir à missa durante a semana; no domingo é necessário tomar uma condução para se dirigir à localidade à qual cabe a vez de receber o sacerdote do "setor". Numerosas igrejas da França foram definitivamente fechadas, outras não se entreabrem senão algumas vezes por ano. Como a isto se acrescentava a crise de vocações, ou antes a crise do acolhimento que lhes é dado, a prática religiosa se tornou mais difícil de ano para ano. As grandes cidades são, em geral, melhor servidas, mas na maior parte do tempo é impossível comungar, por exemplo nas primeiras sextas-feiras ou nos primeiros sábados do mês. Não se deve mais pensar, naturalmente, em missa diária; em muitas paróquias citadinas elas se celebram por encomenda, para um grupo determinado em hora combinada com ele e de tal sorte que o transeunte ao entrar casualmente se sente estranho a uma celebração recheada de alusões às atividades e à vida do grupo. Lançou-se o descrédito sobre o que se chamou de celebrações individuais em oposição às celebrações comunitárias; na realidade, a comunidade se fragmentou em pequenas células; não é raro verem-se sacerdotes celebrar em casa de um cristão comprometido em atividades de ação católica ou em outras, na presença de alguns militantes. Ou então o horário do domingo de manhã se encontra repartido entre as diferentes comunidades lingüísticas: missa portuguesa, missa francesa, missa espanhola... Numa época onde as viagens ao estrangeiro se multiplicaram, os católicos são levados a assistir a missas nas quais eles não compreendem uma palavra sequer, e isto ainda que se lhes faça entender que não é possível rezar sem "participar". Como fariam eles?

Não mais missas ou então muito poucas, não mais procissões, não mais visitas ao Santíssimo Sacramento, não mais vésperas... A oração em comum foi reduzida à sua expressão mais simples. Mas quando o fiel superou as dificuldades de horários e de deslocamentos, que encontra ele para matar sua sede espiritual? Falarei mais adiante da liturgia e das graves alterações que ela sofre, mantenhamo-nos por agora mais no exterior das coisas, nas formas desta oração comum. Muito freqüentemente o clima das "celebrações" choca o senso religioso dos católicos. É a intrusão dos ritmos profanos com todas as espécies de instrumentos de percussão, a guitarra, o saxofone. Um músico responsável pela música sagrada numa diocese do norte da França escrevia, apoiado por numerosas personalidades eminentes do mundo musical: "A despeito das apelações correntes, a música destes cantos não é moderna: este estilo musical não é novo, mas se praticava em lugares e ambientes

muito profanos (cabarés, "music-hall", freqüentemente por danças mais ou menos lascivas expressas ridiculamente com nomes estrangeiros)... foi-se levado ao balanceio, ou "swing": todos têm o desejo de se agitar. Eis aí uma "expressão corporal" certamente estranha à nossa cultura ocidental, pouco favorável ao recolhimento e cujas origens são turvas... Na maior parte do tempo nossas assembléias, que já experimentam tanta aflição por não se igualarem aos negros e aos cambaios numa medida de 6/8, não respeitam o ritmo exato, e a bateria falha: então não se tem mais o desejo de se agitar, mas o ritmo se torna informe e faz acentuar ainda mais a pobreza habitual da linha melódica."

Como fica a oração nisto tudo? Felizmente parece que em mais de um lugar se voltou a costumes menos bárbaros. Então se é submetido, se se quer cantar, às produções dos organismos oficiais especializados na música de igreja, pois não é questão de utilizar a maravilhosa herança dos séculos passados. As melodias habituais, sempre as mesmas, são de uma inspiração muito medíocre. Os trechos mais elaborados, executados por corais, se ressentem da influência profana, excitam mais a sensibilidade do que penetram na alma, como faz o cantochão; as palavras inventadas de todas as peças com um vocabulário novo, como se um dilúvio tivesse destruído, há uma vintena de anos, todos os antifonários nos quais, mesmo querendo fazer coisa nova, se se poderia ter inspirado, adotam o estilo do momento e logo saem da moda, não são mais compreensíveis depois de um espaço de tempo muito curto. Inumeráveis discos destinados à "animação" das paróquias difundem paráfrases de salmos, que se têm aliás como tais e que suplantam o texto sagrado de inspiração divina. Por que não cantar os próprios salmos?

Apareceu uma novidade há pouco tempo: cartazes afixados na entrada das igrejas diziam: "Para louvar a Deus, batei palmas." Então, no decurso da celebração, a um sinal do animador, os assistentes levantam os braços acima da cabeça e batem palmas em cadência, com entusiasmo, produzindo um estrépito insólito no recinto do santuário. Este gênero de inovação, sem ligações com nossos hábitos mesmo profanos, que tenta implantar um gesto artificial na liturgia, sem dúvida não terá futuro; ele contribui não obstante, para desencorajar os católicos e aumenta a sua perplexidade. Poderíamos abster-nos de freqüentar as "Gospel Nights", mas que fazer quando estas práticas desoladoras se apoderam das raras missas de domingo? A pastoral de conjunto, segundo o termo adotado, constrange o fiel a gestos novos, cuja utilidade ele não percebe, que vão contra a sua natureza. É preciso, antes de qualquer coisa, que tudo se faça de maneira coletiva, com mudanças de palavra, mudanças de evangelho, mudanças de objetivos, com apertos de mão. O povo segue relutando, como demonstram as cifras; as últimas estatísticas acusam uma nova

baixa, entre 1977 e 1983, na frequência à Comunhão, enquanto que a oração pessoal conhece uma ligeira ascensão¹. A pastoral de conjunto portanto, não conquistou o povo católico. Eis o que leio num boletim paroquial da região parisiense:

"Há dez anos, a missa das nove e meia possuía, de vez em quando, um estilo um pouco particular, no sentido de que a proclamação do Evangelho era seguida de uma troca pela qual os fiéis se reencontravam em grupos de uma dezena. De fato, na primeira vez que se tentou uma tal celebração, 69 pessoas constituíram grupos de troca, 138 ficaram à parte. Poder-se-ia pensar que com a ajuda do tempo, este fato se iria modificando. Não aconteceu nada disso."

A equipe paroquial organizou então uma reunião para saber se continuariam ou não as "missas com troca". Compreende-se que, tendo dois terços dos paroquianos resistido até então às novidades pós-conciliares, não tenham sido encantados por estas conversas improvisadas em plena missa. Como é difícil ser católico hoje! A liturgia francesa, mesmo sem "troca", atordoa os assistentes sob um fluxo de palavras, muitos se queixam de não poder rezar durante a missa. Então, quando rezarão eles?

Os cristãos desconcertados vêem propor-se-lhes receitas que são sempre aprovadas pela hierarquia contanto que elas se afastem da espiritualidade católica. O yoga e o zen são as mais estranhas. Orientalismo desastroso que coloca a piedade em caminhos falsos, pretendendo conduzir a uma "higiene da alma". Quem falará também dos danos da expressão corporal, degradação da pessoa ao mesmo tempo que exaltação do corpo, contrária à elevação para Deus? Estas modas novas introduzidas até nos mosteiros de contemplativos, com muitas outras, são extremamente perigosas e dão razão àqueles que ouvimos dizer: "Mudam a nossa religião."" (Carta Aberta aos Católicos Perplexos. Mons. Marcel Lefebvre.)

¹ Sondagem MADAME FIGARO/SOFRES, setembro de 1983. A primeira pergunta feita era: Comungais uma vez por semana ou mais? Uma vez por mês, mais ou menos? O que responde mais ou menos à assistência à missa, visto que todos hoje comungam. As respostas afirmativas passaram de 16% a 9%.

Fonte: <http://vashonorabile.blogspot.com.br/2013/01/estao-mudando-nossa-religiao.html>

No que A transformaram? Seita Católica?

"Onde está o sábio? Onde o erudito? Onde o argumentador deste mundo? Acaso não declarou Deus por loucura a sabedoria deste mundo? Já que o mundo, com a sua sabedoria, não reconheceu a Deus na sabedoria Divina, aprovou a Deus salvar os que crêem pela loucura de sua mensagem."

(1Cor. 1, 20-21)

Veja o que o Concílio Vaticano II começou e Francisco e sua turma estão concluindo... Será a pá de cal?

"(...) as portas do inferno não prevalecerão contra Ela."

(Mt. 16, 19)

Com absoluta certeza de que não prevalecerão, pois é a garantia de Nosso Senhor Jesus Cristo em Sua santíssima Palavra...

No entanto, está escrito na Palavra garantidora do Senhor (o santo Evangelho – Mt. 16, 18) o nome Vaticano? Ou trata-se apenas de uma conclusão humana? Lógica humana?

Mas desde quando os Desígnios do Altíssimo pautam-se em raciocínios humanos? Cuidado, pois, muitíssimo cuidado para não colocardes as vossas almas e a de vossos irmãos em risco, por vos apoiardes em conclusões equivocadas... Não acrescentai na santa Palavra o que não foi pronunciado...

Discerni: quando o Senhor instituiu Sua santa Igreja sobre Pedro, a Pedra, naquele momento Eles encontravam-se em Roma? Não, é claro...

Portanto, onde foi de fato que Ela teve início? Em Israel!

Não esqueçam isto, pois será importantíssima esta lembrança no futuro, para que possamos entender e nos posicionar corretamente ao abrigo dos desígnios do Altíssimo...

"Não desprezeis as profecias."

(1Ts. 5, 20)

Desabafo de um padre sobre missas

Sou padre há quase cinco anos. Fui seminarista por sete anos. Já estive em vários lugares Brasil afora, já celebrei em tantos outros e guardo no meu coração uma tristeza profunda. Quando eu era criança na roça e ia com minha família à missa uma vez por mês eu sabia que naquela hóstia tinha Jesus. Eu sentia o cheiro da vela queimando e aprendi a me persignar toda vez que passava diante de uma Igreja. Eu achava tudo meio estranho porque não entendia a missa, mas, sentava no primeiro banco e respondia a todas as perguntas que o padre fazia na hora do sermão. Daí eu cresci, fomos para cidade e eu continuava inocente. Fui pro seminário e as escamas de meus olhos caíram. A missa pela qual eu sempre nutri o maior religioso respeito...

Virou palco

Virou show

Virou passeata

Virou passarela

Virou camarim de estrela

Virou sambódromo

Virou terreiro

Virou tudo e suportou tudo

Menos ser de fato, Missa.

Já vi tanto desleixo... Alfaias puídas, vasos sagrados zinabrados, hóstias consagradas carunchadas dentro do sacrário, um sacrário no meio de uma reforma de Igreja com hóstias consagradas dentro, consagração de vinho em tamanha

quantidade que as sobras Eucarísticas precisaram de um exército de MESC para consumi-las porque o padre não poderia fazê-lo sem ficar bêbado e outros tantos abusos. Quando veio a *Redemptionis Sacramentum* e a *Ecclesia de Eucharistia* veio uma lufada de ar fresco e os rebeldes da Teologia da Libertação, da Rede Celebra e das CEB`s reagiram vorazmente.

Capitaneada pelo dualismo marxista de tipo maniqueísta, a reinterpretação que a missa sofreu nas décadas que sucederam o Concílio Vaticano II seguiu as pegadas da subjetividade humana. É odioso ouvir: "ah o jeito do outro padre é diferente". Isto denota uma personalização que a missa não comporta. A missa nunca foi a missa do padre, mas a missa da Igreja!

Esta mentalidade impregnou tanto a liturgia que quando um Padre quer celebrar a missa da Igreja, aquela do Missal Romano, é chamado de retrógrado. O respeito às normas litúrgicas são sinônimo de opressão. A missa pura e simples foi esvaziada para poder ser enchida pela ideologia da enxada, da faixa, do cartaz, da freira, do padre TL... A missa se transformou...

Virou manifestação e protesto contra o Governo e o Sistema

Contra a Igreja

Contra os padres

Contra a fé católica de sempre

Contra a liturgia de sempre.

Enfiaram bananeiras, berrantes, espeto de churrasco, cuia de chimarrão, pão de queijo, cachaça, coco, faca e facão, pipoca, balões e ervas de cheiro na missa, enfiaram panos coloridos para todos os lados, colocaram mãos de santo manuseando o turíbulo e leigos lendo preces seminus. Para essa CORJA a missa já deixou há muito tempo de ser o sacrifício redentor de Cristo PRO MULTIS e se tornou só mais uma mesa para comensais na qual vale o discurso e não a fé, na qual o que importa é o que o homem diz aos seus iguais e não o que Deus diz ao homem. Lembro-me de um professor contando todo garboso que certa feita utilizou-se de uma Adoração ao Santíssimo Sacramento para dar uma aula de teologia ao povo - aos seus moldes é claro - porque para ele aquela hóstia era pobre de significado.

Aquela hóstia pobre...

Tão pobre quanto o cocho de Belém,

Tão pobre quanto a cama em Nazaré,

Tão pobre quanto a casa de Pedro em Cafarnaum,

Tão pobre quanto a casa de Lázaro em Betânia,

Tão pobre quanto o coração do Filho de Deus,

Ela só pôde se tornar Corpo e Sangue, Alma e Divindade de Cristo

Porque Ele se fez pobre!

Sua pobreza não comporta reduções

Tampouco acréscimos desnecessários.

Ele é aquele que é e nada mais,

Mas, só para quem tem fé!

Aos meus irmãos padres um apelo: que nós diminuamos e que Ele apareça. Não somos o noivo, apenas amigos do noivo! Rezemos a missa da Igreja, a missa do Missal. Que Ele fale aos corações e às mentes, inclusive às nossas mentes e corações! Ele toque as vidas, inclusive as nossas. Que sua voz ecoe nas consciências, também nas nossas. Que toda a nossa Liturgia seja feita Por [causa de] Cristo, Com Cristo e em Cristo a [o] Pai na Unidade do Espírito Santo. Só isso. Se fizermos isso bem feito teremos feito tudo o que nos compete nesta vida.

Fonte: padreluisfernando.com

Agora confira o desabafo de um padre em imagens:

por Blog Cruzada Católica



Leste da França



Filipinas

Entrada da imagem de Nossa Senhora na último dia da Novena (noite)



Basílica de Nossa Senhora Aparecida (Brasil)

Entrada da imagem de Nossa Senhora na último dia da Novena (noite)



Basílica de Nossa Senhora Aparecida (Brasil)



Missa de acolhida no Encontro Estadual das CEBS em Florianópolis - SC (Brasil)



Missa de acolhida no Encontro Estadual das CEBS em Florianópolis - SC (Brasil)



Missa de acolhida no Encontro Estadual das CEBS em Florianópolis - SC (Brasil)



JMJ - RJ (Brasil)



JMJ - RJ (Brasil)



JMJ - RJ (Brasil)



Rio Grande do Sul - (Brasil)



Campinas - SP (Brasil)

NÃO DEIXE DE ASSISTIR O VÍDEO ABAIXO, PARA ENTENDER TUDO O QUE AQUI FOI DITO. É UM GRAVÍSSIMO ALERTA:
<https://www.youtube.com/watch?v=8njCYsWQrmI>

A seguir, o desabafo de outro Sacerdote:

Senhor, dai-nos um novo São Pio X!

Temos a honra de apresentar o sermão proferido pelo Reverendíssimo Padre Anderson Batista da Silva na paróquia de San Juan Bautista, em El Paso, Texas, EUA, no Oitavo Domingo depois de Pentecostes - **18 de julho de 2010**, por ocasião do centenário da atualíssima Carta Encíclica *Notre Charge Apostolique*, de São Pio X, acerca dos erros do movimento Sillon. **Trata-se de uma transcrição literal para auxiliar a compreensão do vídeo, sem revisão do autor e na qual o estilo oral é mantido.** Agradecemos a uma generosa alma o trabalho de tradução e transcrição.

"Caros irmãos, dessa vez vou falar somente em espanhol.

*Neste ano comemoramos o centenário de um documento do papa São Pio X de uma grande importância. O documento se chama *Nostre Charge Apostolique*, uma carta que o Santo Padre escreveu, em 25 de agosto de 1910, no dia de São Luiz Rei de França, aos bispos franceses. E de que falava aquela carta? Falava de um movimento católico chamado Sillon, que começou elogiado pelo papa, começou a atrair muitos católicos, mas que terminou por desvirtuar-se. O Santo Padre e os bispos começaram a chamar a atenção para a correção, mas o Sillon não quis atender à chamada de correção do Santo Padre e continuou com as suas doutrinas. Então, São Pio X, com a santidade e a força que sempre tinha, escreveu esse documento refutando os erros do Sillon e falando da verdadeira ação dos cristãos no mundo.*

Nosso Senhor no Evangelho de hoje disse que os filhos das Trevas são mais sagazes em seus negócios do que os filhos da Luz.

São Pio X fala disso e nos ensina como sermos sagazes. Qual é o fim de nosso apostolado? O papa começa assim o seu documento:

"Nosso cargo apostólico nos impõe a obrigação de zelar pela pureza da fé, pela integridade da disciplina católica e de preservar os fiéis dos perigos do erro e do mal, principalmente quando o erro e o mal se apresentam com uma linguagem atraente que, encobrando a ambigüidade das idéias e o equívoco das expressões com o ardor do sentimento e a sonoridade das palavras, pode inflamar os corações no amor de coisas sedutoras, mas funestas."

Aqui termina a citação do Santo Padre.

É interessante que o Santo Padre fala no início qual é o encargo dos pastores e bispos. Qual é o seu primeiro encargo, como pastor supremo da Igreja, qual é o encargo dos próprios pastores da Igreja?

Em primeiro lugar, zelar pela pureza da fé.

Os pastores em primeiro lugar devem zelar pela pureza da fé, pela integridade da disciplina católica e preservar os fiéis do perigo do erro e do mal.

Hoje em dia, infelizmente, parece que o tema da liberdade, da solidariedade, da imigração, da água, da reforma agrária e da economia chama mais a atenção dos pastores do que zelar pela pureza da fé, pela integridade da disciplina católica e pela preservação dos fiéis dos perigos do erro e do mal.

"Há perigos, há perigos para os fiéis" e São Pio X disse isso há cem anos. O que diria se ele estivesse aqui hoje conosco?

Mas São Pio X disse: "principalmente quando esse perigo e esse erro se apresentam em linguagem atraente". O erro é mais perigoso quando se apresenta com linguagem atraente. É óbvio! O veneno se coloca na parte mais gostosa do bolo. O veneno muitas vezes tem essa apresentação atraente, cobrindo a ambigüidade das ideias. Os erros e as heresias sempre são contraditórios, mas cobrem a ambigüidade das idéias com essas palavras atraentes, e a sonoridade das palavras – bonitas para serem ditas e escutadas. São Pio X disse que podem inflamar os corações; [quem] escutar a doutrina errônea, com esse equívoco, se põe como que com os corações inflamados. E é esta a verdade, mas inflamar os corações no amor de coisas sedutoras, mas funestas.

As questões sobrenaturais são as que estão a cargo dos pastores. Qual é o fim da Igreja? A Igreja não é um Greenpeace. Não é uma ONG que tem que tratar da política e das coisas da sociedade. A Igreja é o Corpo Místico de Nosso Senhor Jesus Cristo e seu fim é dar glória e Deus e salvar as almas. Então, quais são os deveres dos pastores da Igreja? Cuidar da ortodoxia da Fé, cuidar do ensino reto da moral, zelar por uma esmerada celebração eucarística, cuidar da vida espiritual das almas. Mas, infelizmente, não é o que comumente vemos.

O Santo Padre, o Papa Bento XVI, reuniu os bispos do Sul do Brasil, minha nação, ao final do ano passado, e disse essas palavras: "Os fiéis se sentem defraudados e desiludidos" quando vêem seus pastores cederem, falando de temas como a igualdade, a liberdade, a economia, a imigração e etc., mas deixam de falar de temas sobrenaturais e de verdades fundamentais da fé, "como o pecado, a graça, a vida teologal – de fé, esperança e caridade –, dos novíssimos" – da morte, do juízo e do inferno e do paraíso.

Infelizmente, a tentativa de fazer de Nosso Senhor Jesus Cristo um messias político, libertador e da Igreja um simples instrumento para realizar, na história, sua utopia, está muito difundida.

Muitos pensam na Igreja como uma instituição para ajudar a viver bem aqui na Terra, para viver bem aqui, para se sentir muito à vontade aqui, mas jamais para o Céu. Para lá a porta é estreita e larga a porta que leva à perdição. [Evita-se] falar do pecado que leva à morte, falar do juízo de Deus, ou seja, que ao final da vida, como disse São João da Cruz, seremos julgados pelo amor, seremos julgados por tudo o que fizermos.

Hoje em dia, a confusão é tão grande que a podemos notar em muitos círculos, em muitos lugares. Aqui me lembro de um slogan de um instituto de formação cristã, católico, próximo daqui que dizia que lá se preparava a Igreja do futuro e que lá se ensinava um cristianismo adulto, onde não se pregava o Evangelho, se vivia o Evangelho. Que confusão de ideias! Que confusão! Eles têm um cristianismo adulto. O que a Igreja ensinou durante 2000 anos talvez, para eles, seja coisa de crianças.

Porém, talvez eles também tenham esquecido do que Nosso Senhor disse no Evangelho de hoje: "Às crianças pertence o Reino dos Céus[...]"

Eles diziam: "Aqui não se prega o Evangelho, se vive", como se a Igreja nunca tivesse vivido o Evangelho, como se agora se descobrisse uma vivência nova, um vinho novo ...

A confusão também se estende quando olhamos a abertura que se tem em relação a todos, a caridade para com todos, a abertura, o amor...

Se eu vou a uma igreja protestante e lá rezo com eles, dirão: "Vejam! Vejam! Como o padre é ecumênico! Que bom!".

Se estou com os muçulmanos, dizem: "Vejam! Como ele dialoga com as religiões, que bom! Porque Deus está em todos os lugares."

Se estou com os maçons, dizem: "Vejam! O padre é aberto ao mundo, dialoga com todos!"

Porém, se eu me chego perto da Fraternidade São Pio X, dizem: "Ó! Excomungado! Cismático!" Que errado!

Há algo errado com o pensamento dessas pessoas.

Se estou com o mundo, com as outras religiões, e dialogo, [as pessoas dizem]: "Ele é um homem de diálogo, está com todos, aberto a todos."

Mas se assumo a Tradição e amo esta Missa que estou celebrando – a missa que os santos celebraram por séculos e séculos da Igreja –, sou rechaçado como um louco, um fanático, um fundamentalista, um excomungado, um cismático.

Porém, esses adjetivos não aparecem em relação aos muçulmanos, que não crêem em Nosso Senhor Jesus Cristo; aos maçons, que rejeitam a Igreja; aos protestantes, que não aceitam a Nossa Santíssima Mãe, [nem] a presença Eucarística de Nosso Senhor.

Para eles não! Excomunhão não, caridade!

Diz São Pio X que o erro se apresenta como algo bom. O Sillon, este movimento que São Pio X condena em sua encíclica Notre Charge Apostolique, tentava ser uma atuação política e social dos católicos na vida social e política, mas sem relação com a fé. O que é um absurdo, porque é impossível falar da realidade sem falar de Deus. É impossível querer construir um mundo sem Deus.

Já tentaram fazê-lo – Babel. A cidade construída contra Deus e sem Deus é um absurdo. O pensamento liberal [é o] de querer ser católico, mas que, ao entrar nas universidades, nos escritórios ou no congresso, retira como a um chapéu a fé católica. Mas ao tratar de leis, de ensinamentos, de comunicações, da política, da sociedade, não, nada da Palavra de Deus nem da fé.

É tão impossível referir-se à realidade fazendo abstração de Deus como é impossível ver sem a luz.

Disse São Pio X em sua Encíclica: "Eles, do Sillon, formaram um conceito especial da dignidade humana, da liberdade, da justiça e da fraternidade e, para justificar os seus sonhos sociais, apelam ao Evangelho interpretado a sua própria maneira e, o que é mais grave, a um Cristo desfigurado e diminuído".

De modo que eles teriam o Evangelho verdadeiro. A Igreja, não. Eles é que conheceriam como era Nosso Senhor, mas a Igreja não.

E, por tudo isso, há que se fazer muitas coisas. Deve-se mudar a missa, porque a missa é uma ceia; [dizem:] Nosso Senhor celebrava desta maneira, com todos sentados na sala de jantar... Como se a Igreja estivesse equivocada por vinte séculos.

Continua São Pio X: "Bem sabemos que se jactam de levantar a dignidade humana e a condição, há muito menosprezada, das classes trabalhadoras [...] seu sonho consiste em trocar as bases naturais e tradicionais e prometer uma cidade futura edificada sobre outros princípios, que ousam declarar mais fecundos, mais benfazejos do que os princípios sobre os quais repousa a atual sociedade cristã".

Eles – diz São Pio X – ensinam que a doutrina tradicional da Igreja não se equipara a sua versão da fé, porque eles irão construir um mundo novo. Um novus ordo. Um novus ordo saeculorum. Um novo mundo... sem Deus, sem a Igreja, sem a Graça dos Sacramentos.

Com firmeza, responde São Pio X: "Não, Veneráveis Irmãos – e é preciso reconhecer energicamente nestes tempos de anarquia social e intelectual – a cidade não será construída de outra forma senão aquela pela qual Deus a construiu; a sociedade não se edificará se a Igreja não lhe lançar as bases e não dirigir os trabalhos; não, a civilização não mais está para ser inventada nem a cidade nova para ser construída nas nuvens. Ela existiu e existe; é a civilização cristã, é a cidade católica. Trata-se apenas de instaurá-la e restaurá-la sem cessar sobre seus fundamentos naturais e divinos contra os ataques sempre renovados da utopia malsã, da rebeldia e da impiedade: omnia instaurare in Christo".

Tudo restaurar em Nosso Senhor Jesus Cristo. Este era o lema pontifício de São Pio X. Que podemos concluir dessas palavras? Em primeiro lugar, é muito interessante notar: São Pio X disse que em sua época, ou seja, há um século, havia uma anarquia social e intelectual. Que diria ele se visse o que ocorre hoje com a Santa Igreja de Deus, em toda parte?

O papa Bento XVI disse, ano passado, dia 09 de Janeiro, em uma carta aos Bispos: a fé está, em muitas partes da Terra, como a chama de uma vela – a ponto de apagar-se.

Creio que São Pio X não diria, como outros disseram, que as alegrias e as esperanças do mundo moderno são as mesmas alegrias e esperanças da Igreja. Não! Porque a alegria do mundo é a alegria do pecado, é a alegria do carnaval, é a alegria de uma festa que se esquece de Deus, é a alegria das virgens néscias que se olvidam de colocar o azeite em suas lâmpadas.

E as esperanças do mundo moderno são as de um mundo novo sem Deus, sem necessidade da Igreja – aqui mesmo estaria o Céu.

Nossas alegrias e nossas esperanças são sobrenaturais; as alegrias que temos vêm da Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo. E nossa esperança é o Céu e não a terra.

São Pio X também recorda que o modelo de civilização não está para ser inventado; não há que se construir um novus ordo saeculorum como quer a Maçonaria, mas se deve restaurar a civilização cristã.

E, que civilização é esta? A civilização [é aquela] que tem a Igreja Católica como sua alma; a mesma civilização que fez surgir a universidade, o hospital, grandes obras de arte e arquitetura; viu surgir a caridade e viu homens e mulheres dar toda sua vida somente para a glória de Deus. A civilização que fez surgir uma das obras arquitetônicas mais belas, se não a mais bela da história da humanidade: a Catedral Gótica, apontando ao Céu e dando Glória a Deus pela perfeição da pedra trabalhada e pelo vitral, que fazia com que o homem pudesse olhar para o sol; sinal da própria Igreja que nos permite olhar para Deus ao olhar para Ela.

Mas São Pio X também recorda que "há ataques sempre renovados da utopia malsã, da rebeldia e da impiedade". Sempre há novos ataques a esta Civilização Cristã.

Pio XII, certa vez, falou-nos de três ataques à Civilização Cristã; e a partir deles podemos falar, talvez, de um quarto ataque.

O primeiro ataque à Civilização Cristã foi o grito, no século XVI, "Cristo Sim, a Igreja Não!". O protestantismo: não necessito da Igreja para ter fé em Cristo. Não necessito da Igreja, não necessito do Papa, não necessito dos sacerdotes para perdoar os pecados, não necessito dos sacerdotes para celebrar a missa [é o que eles dizem].

O segundo grande ataque veio com a Revolução Francesa e o ideal maçônico: "Deus sim, Cristo Não!"; todas as religiões seriam boas porque, no fundo, nenhuma delas poderia falar de Deus verdadeiramente. Deus não poderia revelar-se; Deus seria um grande arquiteto do Universo ou um grande relojoeiro. Não haveria religião verdadeira, mas uma vaga ideia de Deus.

Depois, o ateísmo do século XIX, com sua força no comunismo, dizia: "Deus morreu. O homem é Deus!".

Durante o século vinte, vimos, também, surgir uma confusão ainda maior: o homem já não é [exclusivamente] Deus. O panteísmo, a New Age e tantas coisas mais têm dito: a natureza é Deus; o homem é um a mais na natureza.

Meus irmãos, este pensamento, infelizmente, não está somente fora do recinto da Igreja. A fumaça de Satanás entrou na Igreja. Não é assim? Não vemos, hoje, católicos dizer como os protestantes: "Cristo Sim, a Igreja Não!?" "Não necessito do padre para [receber] os sacramentos. Todos somos sacerdotes, iguais. Eu irei diretamente a Deus". E há a desobediência às leis litúrgicas, canônicas, à fé, à moral: eu e Cristo, muitos católicos dizem.

Mas, também, quantos católicos não dizem: todas as religiões são boas e nos salvaremos todos? É a mentalidade maçônica.

Mas também a mentalidade comunista, a teologia da libertação e todos os similares que tentam harmonizar o Evangelho com Marx: o "Cristianismo adulto".

Quantos católicos confusos com esta revolução cultural em que vivemos. [Eles] dizem: sou católico, mas a favor do aborto ou, como vocês viram mais recentemente, pessoas muito bem doutoradas em teologia a favor das uniões homossexuais.

Omnia instaurare in Christo, diz São Pio X. Quero terminar já e, infelizmente, não poderei ler o restante, porque já passou muito tempo.

Nesta viagem aos Estados Unidos e a El Paso, eu pude estar na primeira igreja dedicada ao Sagrado Coração de Jesus no país, em Pensilvânia; é uma Basílica do Sagrado Coração de Jesus. E lá pedi uma Graça a Deus: a graça a Bento XVI ou a seu sucessor... Eu estou pedindo ao Sagrado Coração de Jesus e ao Imaculado Coração de Maria a graça – e creio que todos devemos pedi-la – de um novo São Pio X para a Igreja. Um Papa santo e forte o suficiente para fazer tremer os inimigos fora da Igreja e expulsar – ou corrigir – os inimigos que estão dentro dela. Os lobos em pele de cordeiro que estão no recinto sagrado fazendo sofrer o Coração Sacratíssimo de Nosso Senhor.

Esta, creio, é a nossa missão e a de todos os cristãos: rezar, rezar e rezar. Lutar contra o demônio, o mundo e a carne, contra as tentações, e submetermo-nos aos ensinamentos perenes do magistério da Igreja. Pedir ajuda a Deus e a sua Mãe Santíssima: a ela, possam nossos pensamentos e nossos corações. E agora também, a seus pés, aprendermos a dizer – e repito o pensamento de um santo sacerdote que me ajudou muito: "Tenho na mente, nos lábios e no coração uma só jaculatória: Roma, Roma, Roma".

Peçamos ao Coração Imaculado de Maria que a Igreja saia logo desta crise e muitas almas se salvem, que nós nos salvemos – não nos consideremos melhores que ninguém, porque é uma graça imerecida estar aqui hoje. E como os Cristeros, quero terminar este sermão com o maior louvor que uma alma pecadora e pequena pode dizer diante do mundo que persegue a Deus e a sua Igreja: Viva Cristo Rei! Amém. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém."

Assista o vídeo no You Tube:

https://www.youtube.com/watch?v=wQcEj1QyN_A

Fonte: <http://fratresinunum.com/>

**"Vós sois o sal da Terra. Se o sal perde o sabor, com que lhe será restituído o sabor? Para nada mais serve senão para ser lançado fora e calcado pelos homens."
(Mt. 5, 13)**

Texto apresentado, compilado e enviado pelo internauta Marcelo Brandão em 24/10/2013



www.mariamaedaigreja.net